

O ESTRANGEIRO EM DRÁCULA DE BRAM STOKER

PINHO, Mariana¹
ANTUNES, Thiago²

RESUMO

A obra gótica *Drácula*, de Bram Stoker (2018), evidencia a construção do medo do desconhecido a partir da figura do estrangeiro, associado ao bárbaro. Na Londres vitoriana do século XIX, tal concepção se entrelaça a um imaginário xenófobo e racista, no qual tudo que foge ao padrão cultural e étnico europeu ocidental passa a ser visto como ameaça. O discurso criminológico de Lombroso (2010), ao associar características físicas a tendências delinquentes, reforça a caracterização de Vlad Tepes como um invasor oriundo de terras “corrompidas”, mostrando certa intencionalidade. A análise bibliográfica e interpretativa, articulando o romance com o contexto histórico e cultural, indica que Stoker mobiliza estereótipos de sua época para amplificar a sensação de perigo. Os resultados revelam que o medo do desconhecido em *Drácula* não é apenas elemento ficcional, mas expressão literária de preconceitos estruturais do período.

Palavras-chave: Literatura Fantástica; Terror; Drácula; Lombroso; Construção do medo; Gótico.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um desdobramento do projeto de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) intitulado *A construção do medo em duas obras da literatura de terror: "Frankenstein" de Mary Shelley e "Drácula" de Bram Stoker*. No entanto, nosso enfoque aqui será mais restritivo: trataremos do medo do desconhecido.

Ao catalogar os medos na obra gótica *Drácula*, de Bram Stoker (2018), há um destaque para a questão do desconhecido. De acordo com os intelectuais do Renascimento a palavra “gótico” foi aplicada ao estilo arquitetônico surgido na França do século XII, de maneira pejorativa, ou seja, o bárbaro. Deste modo, ocorre uma influência nessa obra, pois há uma referência ao bárbaro, criando um medo do estrangeiro, pois o desconhecido, na Europa do século XIX, mais precisamente na Londres vitoriana, é tudo aquilo que não faz parte de sua cultura e que não é caucasiano, aprofundando-se em uma questão xenófoba e racista, traçando um paralelo pelo discurso de Lombroso (2010), que enfatiza como identificar um delinquente.

Ao ler a pesquisa “*O Homem Delinquente*” publicado em 1876, é nítido que, ao destacar certas características, como um formato craniano diferente ou traços que não são típicos de um europeu ocidental, é possível relacionar um raciocínio que indica um provável delinquente. Por essa visão obsoleta, ao realçar esse discurso, é possível ponderar a forma como Vlad Tepes é retratado no enredo: um estrangeiro, vindo de uma terra considerada corrompida, gerando desconforto no núcleo social em questão.

¹ Graduanda em Licenciatura em Letras, Bolsista PIBIC/CNPq, IFSP, Campus São Paulo, mariana.pinho@aluno.ifsp.edu.br.

² Doutor em Teoria e História Literária, Orientador PIBIC/CNPq, professor do Departamento de Humanidades do IFSP, Campus São Paulo, antunes@ifsp.edu.br

OBJETIVOS

Analisar o modo como as ações maléficas de Vlad Tepes são justificadas no romance de Bram Stoker, *Drácula* (2018). Destacando a incorporação da teoria de Cesare Lombroso na formação do imaginário do homem londrino vitoriano, isto é, a vinculação do mal e do crime a um sujeito considerado geneticamente corrompido.

METODOLOGIA

A análise foi desenvolvida a partir da obra de literatura fantástica e de terror *Drácula*, de Bram Stoker (2018). Em um primeiro momento, foi realizada a releitura integral da obra, considerando não apenas seu enredo, mas também seus elementos estruturais e simbólicos. Paralelamente, foi consultada a obra *História do medo no Ocidente*, de Jean Delumeau (2009), a fim de relacionar as manifestações de temor ao imaginário coletivo europeu do século XIX, especialmente na Londres vitoriana, com destaque para o medo do estrangeiro e do desconhecido.

Também foram utilizados *O homem delinquente*, de Cesare Lombroso (2010), e o artigo “Uma análise sobre a teoria do criminoso nato”, de Gonçalves (2016), para compreender como a construção do personagem Drácula dialoga com estereótipos raciais e sociais atribuídos ao estrangeiro e ao “bárbaro”. Também trazendo as idiossincrasias de um povo marginalizado por meio do artigo *José, Tereza, Zélia... E Sua Comunidade Um Território Cigano*, de Vaz (2005).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista a trama da história de Stoker, ao analisar alguns trechos, é enfatizado pelo personagem Van Helsing que Drácula tem “um cérebro de criança”.

Durante todo esse tempo, desde sua chegada, ele tem testado seu poder, lenta mas seguramente; aquele seu enorme cérebro-criança está trabalhando. Bom para nós que, por ora, seja um cérebro-criança; pois ousasse ele, a princípio, tentar certas coisas, teria há muito tempo superado a força nossa. Mas ele quer ter êxito, e um homem que tem séculos à sua frente pode se dar ao luxo de aguardar e se demorar. Festina lente poderia ser o seu lema.” (Stoker, 2018, p.338)

Sem apresentar uma prova concreta para sustentar tal afirmação, ele argumenta que seu comportamento “delinquente” deriva dessa condição. Esse raciocínio se aproxima das teorias de Lombroso (2010), que desenvolveu uma análise (ultrapassada, é sempre bom lembrar) sobre como identificar possíveis delinquentes.

Por considerar o conceito sobre uma “raça” superior, pois colocava a identidade caucasiana europeia como a característica do não delinquente, “Lombroso chegou a acreditar que o criminoso nato era um tipo de subespécie do homem” (BITENCOURT, 2012, p.103), inferiorizando ainda mais as outras classes. (Gonçalves; Noll, 2016)

Deste modo, o artigo *Uma Análise Sobre A Teoria Do Criminoso Nato* (2016) que relata um estudo dos conceitos de Lombroso expressa:

Esses conceitos sobre a existência de uma raça superior acabaram por influenciar a visão neocolonialista, considerando os povos de origem não europeia como seres pecadores e desprovidos da mesma capacidade intelectual que os

europeus, e a regimes totalitários como o nazismo no qual se buscava o conceito de “raça pura”. (Gonçalves; Nolli, 2016)

Isso comprova sua visão de uma supremacia caucasiana, que afirma que aquilo que não faz parte do núcleo cultural da Europa Ocidental não é adequado e é inferior. Ou seja, o que é insólito e desconhecido é associado ao bárbaro, ao delinquente, ao estrangeiro.

O conselho dado século XI pelo bizantino Kekavmenos teria podido ser formulado quinhentos anos mais tarde por muitos ocidentais: “Se um estranho chega à tua cidade, liga-se a ti e entende-se contigo, não confia nele: ao contrário, é então que precisas precaver-te”. Daí a hostilidade pelos “forasteiros”, a cólera nas aldeias, manifestada por tumultos,...] (Delumeau, 2009, p.73)

Esses forasteiros podem traçar um paralelo com os ciganos, já que residiam uma boa parte deles na Romênia, pátria de Vlad Tepes (Drácula), e como era um povo nômade, houve uma ruptura no padrão europeu da época. Assim, vistos como inferiores em fatores culturais, econômicos e religiosos, a população da Valáquia e Moldávia escravizou essa população considerada “maldita”.

As informações mostram que, os ciganos migraram da península indiana para Europa há quase mil anos. Espalharam-se pelo continente europeu deixando de ser um povo homogêneo. Nos séculos XVI e XVII foram expulsos de vários países e passaram a ser associados aos criminosos, aos propagadores de epidemias e aos ladrões. Esta racionalização negativa era aceita pela maioria, para justificar as medidas de expulsão ou de distanciamento. (Vaz,2005,p.2).

Julgados como “estranhos”, associados a doenças e roubos, é possível que a interpretação dos demais países da Europa reforçasse um medo inconsciente do estrangeiro. Nesse contexto, o vampiro, nativo da Romênia, poderia carregar estigmas que despertavam o temor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÃO

Concluindo, o medo do estrangeiro em *Drácula* (2018) está ligado a uma repressão aos lugares e povos não conhecidos por uma Londres vitoriana que se sentia acima dos demais. Stoker constrói um personagem que carrega o peso de um país marcado pela corrupção de padrões ultrapassados e estereótipos semelhantes aos que Lombroso aponta como traços de um delinquente.

Assim, parte desse pavor do desconhecido vem de um pensamento voltado a outros povos, coisas novas e o medo do escuro. Portanto, “a privação de luz atenua os “redutores” da imaginação” (Delumeau, 2009, p. 142), em que sustenta o motivo de opressão.

REFERÊNCIAS

BITENCOURT, Cezar Roberto. **Tratado de Direito Penal: Parte Geral vol. 1**. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 2012, p. 102-103.
 CLARK, Stuart. **Pensando com demônios**: a ideia de bruxaria no princípio da Europa moderna. Trad. Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Edusp, 2020.
 DELUMEAU, J. **História do medo no Ocidente**: 1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

GONÇALVES, K. O. NOLLI, L. R. **Uma análise sobre a teoria do criminoso nato**. Curitiba, 2016. Disponível em: <<http://www.salacriminal.com/home/-uma-analise-sobre-a-teoria-do-criminoso-nato>> Acesso em: 10 de jun. de 2025

KIECKHEFER, Richard. **Magic in the Middle Ages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LOMBROSO, Cesare. **O Homem Delinquente**. Tradução: Sebastian José Roque. 1. Reimpressão. São Paulo: Ícone, 2010.

LOVECRAFT, H. P. **O horror sobrenatural em literatura**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2020.

RICHARDSON, M. **The psychoanalysis of ghost Stories**, Twentieth Century, vol. 166, 1959, p.427

STOKER, B. **Drácula**. Rio de Janeiro: Darkside, 2018.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2004.

VAZ, Ademir Divino. **José, Tereza, Zélia... e sua comunidade — Um território cigano**. Revista Trilhos – Revista da Faculdade do Sudeste Goiano, Pires do Rio, v. 3, n. 3, p. 95–109, 2005. Disponível em: files.cercomp.ufg.br/weby/up/215/o/Vaz_ademir_divino_territorio_cigano.pdf. Acesso em: 20 jun. 2025.